



## A EDUCAÇÃO PARA A COLETIVIDADE EM MAKARENKO

---

Iziane Silvestre Nobre<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo é resultado preliminar de uma pesquisa de doutoramento em educação, cujo um dos desdobramentos é o mergulho histórico nos educadores soviéticos. O autor em destaque, neste artigo, é o educador ucraniano Makarenko, cuja experiência teórico-prático estava alicerçada na construção de uma pedagogia alicerçada sob o princípio da solidariedade e cooperação existente entre as pessoas. A pedagogia marakeniana é reflexo de uma sociedade cuja práxis política estava voltada para a gestão coletiva da vida social. É importante destacar, por exemplo, as comunas agrícolas e as práticas coletivistas dela resultante no final do século XIX, os conselhos operários e a criação dos soviets como produto dos desdobramentos da Revolução de 1905 e 1917, fortalecendo, portanto, a premissa de que, numa nova sociedade, a nova personalidade deveria estar calcada em práticas que reforcem a subordinação dos interesses individuais aos interesses da coletividade. Sem embargo, nosso objetivo consiste tão somente em apresentar este educador bem como apresentar os rudimentos de sua pedagogia.

**Palavras chaves:** Pedagogia; Práxis coletiva; Humanidade nova

### INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado preliminar de uma pesquisa de doutorado cujo objetivo é estudar a categoria práxis no processo de formação de uma humanidade nova. Nosso intuito, na elaboração deste artigo, é apresentar o educador soviético Makarenko, cujas elaborações teórico-práticas revelam a capacidade do autor em dialogar com as contradições.

Para Makarenko (1978) a formação pelo trabalho era insuficiente na formação dessa humanidade nova. Ele destaca, de igual modo, que a cultura e as outras atividades formativas poderiam ajudar na construção da personalidade do novo

---

<sup>1</sup> Professora do Instituto Federal do Ceará – Campus Camocim. Doutoranda em Educação e mestre em educação pela Universidade Federal do Ceará e graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará. Compõe o grupo de pesquisa Trabalho, Práxis e Formação Humana da UFC e é membro do Núcleo de Estudos indígenas e africanos do IFCE. E-mail: izianesilvestre@yahoo.com.br



sujeito social. Nesta nova personalidade, deveria constar também a noção de coletividade, cuja práxis seja manifestada pela manutenção dos laços práticos de amizades cotidianas e ideológicas.

O educador sinaliza que existem dois tipos de coletividade, na qual denomina de coletividade primária e outra mais geral. A coletividade primária se efetiva por meio do contato e da convivência, enquanto a segunda possui seu significado mais ampliado devido ao fato de que seus interesses não resultam do simples convívio, mas do entendimento de que aquelas relações sociais são o germe da sociedade futura.

Podemos relacionar o pensamento de Makarenko aos demais educadores soviéticos. Eles acreditavam, principalmente Pistrak (2011), no papel da escola soviética na reprodução de novas relações sociais por meio da solidariedade. Dessa maneira, a escola soviética se constituía como um pequeno soviete por refletir as bases de uma democracia ampliada a partir da ampliação e do fortalecimento do sistema dos sovietes (CUNHA, 2012).

Nesse artigo, realizaremos um passeio pelos principais aspectos da vida e da obra de Makarenko, percebendo, por conseguinte, as influências da sua práxis pedagógica, trazendo para o centro do debate, o papel da coletividade na formação do homem novo.

## **MAKARENKO – VIDA E OBRA**

Makarenko, filho de operários, nasceu em 1888 na Ucrânia e morreu vítima de um ataque cardíaco em 1939, dentro de um trem, não havendo consigo nenhuma carteira de identificação (LUEDEMANN, 2007). A convivência com a sua família e as diversas experiências que obteve por meio do trabalho, foram fatores significativos para determinar a filosofia de Makarenko na sua práxis pedagógica, bem como dos relatos em forma de conferência da educação soviética.

Cabe lembrar o próprio esforço de Makarenko de refletir sobre sua práxis docente, realizando o movimento da crítica e da autocrítica. A autocrítica realizada por ele, fornecia a capacidade de aprender sobre sua práxis. Embora em alguns momentos da sua obra, especialmente no livro “Problemas da Educação Soviética”



pareça um manual de como o educador deve agir, na realidade, o que está sendo posto em discussão é a sistematização da experiência adquirida como professor da escola ferroviária, diretor e supervisor das escolas soviéticas ainda sob o regime czarista e sua experiência de tutor de um filho da nobreza (LUEDEMANN, 2007).

Segundo relatos de Luedemann (2007), o educador soviético possuía uma saúde frágil. Sua família, desprovida de recursos materiais suficientes para oferecer-lhe uma boa educação, foi alfabetizado por sua mãe que, preocupando-se com a formação do filho, garantiu que este recebesse uma base preparatória para ingressar na escola da fábrica do seu pai, incentivando-o para que o filho se tornasse professor quando adulto.

É importante destacar que Makarenko teve sua formação sob a égide do regime czarista, cujo ensino era controlado pela igreja. As poucas escolas existentes funcionavam dentro de uma estrutura precária, com duração mínima de três anos, “com um currículo mínimo de leitura, escrita, aritmética e ensino religioso através do canto” (LUEDEMANN, 2007, p. 41).

A escola primária czarista das oficinas ferroviárias, local que Makarenko estudou nos seus primeiros anos, mais parecia um local de trabalho do que mesmo uma escola. Aquela escola estava ali para cumprir apenas uma função: preparar os filhos da classe trabalhadora com os conhecimentos básicos para atuar no mercado de trabalho. Nenhum aluno daquela escola tinha grandes ambições sociais, porque os três anos da escola primária e os seis anos de ginásio, complementado pelo curso de especialização profissional, dava a oportunidade de escolha entre ser técnico das oficinas de ferrovia, militar do exército ou professor primário (LUEDEMANN, 2007).

Makarenko emerge como professor em um país cujo nível educacional era baixíssimo. Segundo Oyama (2010), até a revolução de 1917, as instituições de ensino eram isoladas entre si e eram controladas pela igreja, tendo, por conseguinte, um contingente de 21% da população que sabiam ler e escrever. Somados a isso, havia uma carência de professores com nível superior, tendo em vista que as professoras com instrução representava apenas 20% da população nas escolas unitárias e 2,5% nas escolas paroquiais.



A amostra desses dados ilustra a falta de valorização do professorado. Em um regime cujo objetivo era mergulhar o povo no obscurantismo (ANDRADE, 2011), a formação de Makarenko como educador é resultado direto das contradições de um governo despótico. A formação adquirida nos mais variados espaços contribuiu para a formação de um educador que conseguia dialogar com as contradições presentes no seio da classe trabalhadora. Por essa razão, a preocupação de Makarenko consistia em realizar a ponte entre a cultura geral e a cultura local, incorporando, em sua práxis, o método marxiano de formação.

Os conhecimentos aprendidos na escola, de acordo com Luedemann (2007), não tinham nenhuma conexão com a cultura local. Destacado por suas boas notas e habituado a um regime de disciplina imposto pelo pai, ele demonstrava atenção especial pela literatura russa e, graças ao contato com as fábulas de Ivan Krilov, passou a relacionar os estudos da cultura local com a cultura universal, passando a vislumbrar um processo de transformação social mais amplo.

A família de Makarenko possuía ligação com o meio operário, porém, não tinha nenhuma participação direta com as grandes lutas sociais. A descoberta da luta política de Makarenko veio mais precisamente em contato com a literatura, no entanto, os diversos motins protagonizados por camponeses e operários em ascensão na Rússia czarista, no final do século XIX e início do século XX, aproximaram paulatinamente esse educador soviético das lutas operárias.

## **AS INFLUÊNCIAS FILOSÓFICAS DE MAKARENKO**

É importante notar, dentro da pedagogia de Makarenko, que ele concebe a ciência da educação, como um ramo da ciência eminentemente prático. Por conseguinte, conferirá críticas significativas a condução realizada pelos pedagogos soviéticos. Percebendo a influência da pedagogia burguesa na proposta educacional organizada pelos educadores ligados ao NARKOMPROS, este condenará o fato de haver um processo de romantização da educação infantil.

Makarenko (2005), enquanto ser político e social se construiu por meio das suas influências filosóficas. Conforme dissemos anteriormente, graças aos primeiros contatos com a literatura, o educador soviético se encontra com os dilemas de sua



própria práxis, traduzindo no “Poema Pedagógico” um resumo das angústias que ronda o imaginário de um professor comprometido com a causa social.

Ele debatia-se com algumas questões filosóficas acerca das leituras libertárias de Rousseau e Tolstói. Segundo Luedemann (2007), o educador já havia manifestado interesse na obra de Tolstói, em especial, pelo fato dele ter construído uma proposta educacional diferente da educação realizada pelo sistema czarista. As críticas de Makarenko ao Tolstói foram aprofundadas a partir do contato com Lenin, observando que, em Tolstói, o processo de transformação social se dava no plano puramente individual.

Makarenko vislumbrava uma educação para a coletividade. Segundo Rocha e Lombardi (2012), as bases da educação soviética se fundamentava na formação integral do homem, no trabalho coletivo, na auto-organização e no auto-serviço, objetivando como fim, a formação integral do homem. Os estudantes da Colônia Gorki participavam de cada detalhe da organização da colônia, nas mais diversas funções, desde a proteção militar até ao líder que coordena os trabalhos.

Makarenko (2005 p. 207) salienta que “havia uma diferenciação de trabalho e organização: democracia na assembleia geral, ordem e subordinação de um companheiro a outros, mas no qual não se formou uma aristocracia – uma casta de comandantes”. O rodízio dos cargos evitava que se forjasse no interior do coletivo um grupo que dominava os outros e possibilitava que se desenvolvesse o espírito de camaradagem necessária na sociedade comunista.

É importante destacar que nem toda influência pedagógica de Makarenko vieram de suas leituras acerca da filosofia e da literatura. Muito da sua práxis é resultado daquilo que aprendeu com os seus pais. A exigência do pai, por exemplo, fez com que Makarenko reproduzisse esse comportamento para com os alunos, transformando, todavia, numa máxima na qual correspondia como um atributo necessário aos membros dessa sociedade nova.

Ele não concebia que o caminho deveria ser o de formar o cidadão para atuar dentro das estruturas dentro do sistema burguês (MAKARENKO, 1978). No entanto, a criação de um programa extenso da personalidade humana parecia-lhe mais atrativa



porque assim procurava integrar os interesses individuais dentro de uma coletividade que se diferenciava pelos laços fortes da camaradagem genuína.

Makarenko (2005) concede muita atenção aos valores da coletividade. Nesse formato, a educação para a coletividade procurava atender minimamente ao programa da personalidade humana concebido por Makarenko. Para ele, sua práxis deveria refletir-se com base em um sistema diferenciado, baseado nos princípios da cooperação entre os colonistas.

A práxis do educador, a qual passa por diferentes estágios à medida que obtém suas experiências no campo da educação. Makarenko não concluiu seu curso de pedagogia de imediato, mas, ao se deparar com os problemas de ordem prática, estudou todas as obras filosóficas disponíveis para o campo da educação e não conseguiu encontrar as respostas que ele almejava, percebendo que a educação soviética estava recebendo a influência de toda uma escola filosófica ligada ao idealismo.

É com base em suas percepções acerca da realidade russa e nos textos filosóficos até então vigentes no campo da educação que Makarenko rompe com o idealismo, não apenas porque a proposta educacional se inseria no campo do irrealizável, mas porque a proposta formativa deles contemplava um projeto de educação individual. No “Poema Pedagógico”, por exemplo, Makarenko (2005) demonstra preocupação por não conseguir aplicar a teoria dos grandes filósofos.

Há quantos milênios ela existe! Que nomes, que ideias brilhantes: Pestalozzi, Rousseau, Natorp, Blonsky! Quantos livros, quantos papéis, quanta glória! E ao mesmo tempo, um vácuo, não existe nada, é impossível haver-se com um só desordeiro, não há nem método, nem instrumental, nem lógica, simplesmente não existe nada! Tudo isso uma enorme charlatanice (MAKARENKO, 2005, p. 111).

A dificuldade de construir um projeto de educação para a coletividade é explicada também pela ausência de estudos teóricos pedagógicos no campo da educação. A herança cultural da educação era um tipo de educação verbalista e as teorias ascendentes eram aquelas relacionadas ao ideário da Escola Nova. Nem todas as obras de Marx e Engels haviam sido traduzidas para o russo, dificultando, sobremaneira, a construção de um projeto educacional condizente com aquela



realidade material. Freitas (2009) destaca que Krupskaja chegou a realizar diversos estudos acerca da escola nova de Dewey, dos planos Dalton's de educação e do método de Montessori. No entanto, muito embora eles discutissem em torno da união trabalho e ensino, havia um defeito orgânico em sua essência: a proposta formativa culminava numa transformação individual.

Makarenko, assim como os demais educadores soviéticos, se apropriaram dos principais rudimentos das escolas burguesas e formataram uma proposta que articulasse a união trabalho e ensino, mais as atividades da práxis político-pedagógica, por meio do estudo da atualidade, da auto-organização dos alunos e da auto-gestão.

Embora a experiência das escolas soviéticas apresentem seus limites, especialmente no que concerne a ausência das condições materiais, não podemos esquecer que os educadores soviéticos lançaram propostas formativas concretas, realizando a formação pelo trabalho, associado às discussões políticas e a modificação no âmbito da cultura, encontrando no teatro, em particular a prática de Makarenko, uma ferramenta pedagógica na construção de uma consciência socialista.

## **A EDUCAÇÃO PARA A COLETIVIDADE**

O trabalho organizativo compunha o programa escolar de formação por meio dos destacamentos. Segundo o educador (2015), havia rotatividade dos cargos seguida por eleições. A eleição do comandante era seguida por discussões bastante acirradas, sendo proibidos quaisquer privilégios para os comandantes. A ideia consistia em estimular a capacidade de direção e de obediência às regras do coletivo, consolidando, portanto, as bases de uma democracia ampliada, nas quais os interesses do coletivo eram postos em primeiro lugar.

A rotatividade dos cargos serviria também para evitar a criação de castas, tendo a função de responsabilizar os alunos pelo trabalho da colônia. Tudo era decidido coletivamente, inclusive as punições. Ao jogar a responsabilidade para o coletivo, não havia como personalizar todo o trabalho e a organização em uma só pessoa, contribuindo, desse modo, para uma formação na qual as habilidades individuais eram canalizadas em prol do coletivo.



Uma das críticas que a Comissão de Instrução Pública realizava a Makarenko estava relacionada ao pagamento de salários para os educandos e ao excesso das práticas militaristas. Ele procurava se esquivar das críticas, salientando que:

Na base do salário recebido, o educando elabora a capacidade de ordenar os interesses pessoais e os do coletivo, mergulha no complexíssimo mar de planejamento financeiro-industrial soviético, dos cálculos de orçamento econômico e rentabilidade, estuda todo o sistema econômico-industrial, assumindo posicionamentos de princípio, comuns a todos os trabalhadores. E, finalmente, ele aprende a se acostumar a valorizar simplesmente o ordenado e já não sairá do abrigo infantil à imagem de uma senhorita de internato que não sabe viver e só possuem ideais. (MAKARENKO, 2005, p. 568).

Na pedagogia de Makarenko, é possível notar que os princípios da coletividade não esmagavam as individualidades, nem tampouco, o indivíduo suplantara a coletividade. Nisso, está presente uma relação dialética entre indivíduo e coletividade, constituindo-se, portanto, na semente de formação dessa humanidade nova, tendo em vista que na nova sociedade, o novo sujeito social se abstém da cultura individualista presente nas relações capitalistas.

Para Makarenko (2005) trabalhar os princípios da coletividade não significava abandonar as aspirações individuais. Para os jovens que haviam sido abandonados pelas suas famílias e que não tinham nenhuma perspectiva de futuro, alimentar o sonho pela formação superior, era ajudá-los a trilhar o caminho da emancipação humana.

Adiante, o autor destaca que, embora considere o valor da coletividade, enquanto um instrumento necessário para a construção da personalidade dessa nova humanidade, não descarta a necessidade de trabalhar individualmente com os membros da comuna, ajudando no fortalecimento da relação entre educador x educandos.

Segundo o autor (1978), essa subordinação do indivíduo ao coletivo não era tão fácil ser ensinada, especialmente porque esta subordinação não é a alguém superior, mas vem de alguém que, na coletividade, possui as mesmas funções, reforçando que:



Saber subordinar-se assim ao camarada – quando não se trata de uma subordinação à riqueza, a uma força, à esmola ou dádiva, mas de uma subordinação entre membros iguais em direitos de uma coletividade – constitui uma tarefa extraordinariamente difícil, não só para uma sociedade de crianças, mas também de adultos. E quando restam reminiscências do passado, todas se reúnem neste ponto nevrálgico. É particularmente difícil numa pessoa de posição igual, pelo simples fato de a coletividade lhe haver conferido essa autoridade. Opera-se aqui um complexo extremamente complicado. Eu só saberei ordenar a um camarada, encomendar-lhe algo, despertar a sua atividade, responder por ele, quando sentir a minha responsabilidade perante a coletividade, quando souber que, ordenando-lhe, cumpro a vontade coletiva. Se não sentir isso, apenas haverá em mim campo para o predomínio pessoal, para a avidez do poder, para a ambição e todos os outros sentimentos e tendências alheias à nossa ordem de vida. (MAKARENKO, 1978, Pag. 136)

Nas conferências realizadas pelo educador ucraniano, está presente a ideia de que a disciplina e a construção de uma moral coletivista são obtidas por meio das assembleias. Suas ideias se confirmam de que, em seus relatos sobre a Colônia Gorki, quando a correção era resultado de discussões acirradas entre os comuneiros.

Em “*Problemas da Educação Sovética*”, o autor ressalta que “A correção não envolve implicitamente o esmagamento moral, mas um pesar pelo erro cometido, dor por esse afastamento da coletividade, embora seja mínimo”. (MAKARENKO, 1978, p. 78). O arrependimento pelo erro cometido não é concebido como uma desobediência a um ser externo ao indivíduo como acontece comumente no cristianismo, mas é resultado pela desobediência as normas criadas pelo coletivo. Nesse formato, uma das premissas da pedagogia marakeniana, é a formação de uma ética e uma moral cujo fundamento esteja alicerçada nas normas do coletivo.

Os fundamentos da pedagogia marakeniana eram condizente com os fundamentos daquela sociedade em ascensão, cuja ética estavam relacionadas com a gestão coletiva dos meios de produção, da organização social política, atingindo as esferas individuais na medida em que o indivíduo subordina seus interesses individuais à práxis coletiva.

## **MAKARENKO E OS OUTROS EDUCADORES**

Desta maneira, Makarenko (1978) considerava que a punição tinha um forte efeito pedagógico na formação da personalidade da criança. Partindo desse princípio,



acreditava que o bom educador era aquele que sabia brincar, mas também sabia repreender, utilizando, para isso, um tom de voz adequado.

Embora considerasse o caráter positivo da punição, alertava para o fato de que esse recurso só podia ser acessado, caso tivesse uma coletividade forte, pois, segundo ele, “quando a coletividade está unida, num estilo de confiança, a sanção pode ser muito original e interessante, se for imposta pela assembleia geral” (MAKARENKO, 1978, p. 82).

A disciplina é outro aspecto de grande destaque na obra de Makarenko (1978), especialmente, porque, em contraposição a literatura da educação livre, salientava que a disciplina era fundamental na construção de uma personalidade livre. No Poema Pedagógico (2005), o educador afirma que:

Vocês, caríssimos, produzem noventa por cento de defeitos. O que produziram não foi uma personalidade comunista, mas um simples lixo, um pingunço, um frouxo e interesseiro. Façam a fineza de pagar o prejuízo com o seu próprio salário (MAKARENKO, 2005, pag. 561).

A crença de Makarenko estava assentada na tese de que a disciplina no trabalho forçava nos estudantes a construção de alguns hábitos necessários à vida, enfatizando que, numa coletividade, nem sempre será possível realizarmos atividades condizentes com as nossas aspirações individuais. Nesse sentido, partindo desse pressuposto, o educador soviético considerava que era necessário incentivar que os estudantes fossem capazes de subordinar-se ao movimento da coletividade.

É importante pontuar que as diversas modificações no campo da educação soviética, prejudicaram sobremaneira a formação de um coletivo que pautasse pela coletividade. Podemos notar, a partir dos estudos realizados acerca da educação soviética, que após a implantação da Nova Política Econômica, alterou significativamente a relação trabalho e educação (NOBRE, 2013).

Concomitante a isso, cabe assinalarmos que houve a sobreposição da instrução técnico- profissionalizante em detrimento da formação politécnica ( SOARES DORE, 2013), acarretando, por conseguinte, na diminuição do tempo de formação humana e da especialização para o trabalho (NOSELLA, 2002).



No método adotado por Makarenko (1978), o educador soviético primava que o estudante passasse por todo o processo produtivo, contrastando com um tipo de educação monotécnica, cuja finalidade é formar especialistas para atuar nas fábricas, recebendo um salário por isso.

Compete destacarmos que Makarenko era defensor ardoroso de que cada estudante recebesse o salário pelo que o aluno produziu. Segundo o autor:

Na base do salário recebido, o educando elabora a capacidade de ordenar os interesses pessoais e os do coletivo, mergulha no complexíssimo mar de planejamento financeiro-industrial soviético, dos cálculos de orçamento econômico e rentabilidade, estuda todo o sistema econômico-industrial, assumindo posicionamentos de princípio, comuns a todos os trabalhadores. E, finalmente, ele aprende a se acostumar a valorizar simplesmente o ordenado e já não sairá do abrigo infantil à imagem de uma senhorita de internato que não sabe viver e só possui ideais. (MAKARENKO, 2005, Pag. 568)

Indivíduo e coletivo se entrelaçam na obra de Makarenko. A coletividade é a base da formação do sujeito, no entanto, ao incentivar que o aluno tivesse a capacidade de gerir seus próprios recursos, estavam ajudando a comuna como um todo, até porque a destinação dos recursos eram decididos coletivamente pela assembleia. A coletivização não era um processo forçado, antes, ela estava sendo formada nas contradições de uma sociedade em constante processo de ebulição social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Antes de tecermos quaisquer considerações acerca da obra de Makarenko, convém compreender o contexto do educador soviético e as críticas que poderíamos realizar são justificadas devido à situação de miséria social da União Soviética, bem como as especificidades de um cenário de uma economia em transição.

Considerar que a União Soviética estava vivendo a agonia de estar habitando entre o velho e o novo mundo, recorreremos ao fato de que não havia o desenvolvimento das forças produtivas, nem muito menos havia o acúmulo de todo o legado deixado pelo sistema capitalista, sendo necessário, por conseguinte, construir as bases do sistema socialista.



Nesse momento de transição, a cultura soviética estava ainda mergulhada sob os princípios pequeno-burgueses, devido a forte influência da igreja bizantina na Rússia. A compreensão da totalidade das relações sociais de produção da União Soviética, faz com que compreendamos que naquele estágio de sociedade, alguns elementos burgueses deveriam fazer parte da vivência do povo.

A ausência de experiências progressistas no início do século XIX oportunizaram a influência da pedagogia burguesa dentro dos processos educacionais, especialmente no tocante ao desenvolvimento das forças produtivas, recebimento de salários, contribuindo para que perdurasse o estranhamento advindo das relações sociais de produção.

A experiência de Makanreko não estava separada/ isolada de um contexto no qual predominava a guerra e a formação do exército da classe trabalhadora, justificando, por sua vez, o fato de que sua educação adquiria traços do militarismo e da subordinação. No entanto, enquanto que na pedagogia burguesa, a subordinação se dá em forma de exploração de uma classe sobre outra. No regime soviético, a subordinação se dava dos indivíduos aos interesses da coletividade.

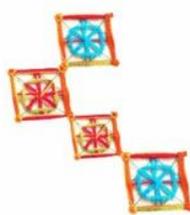
## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ricardo Adriano de. “Notas sobre a educação na obra de Lênin”. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, número especial, p. 210-224, abr/2011. Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/41e/art15\\_41e.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/41e/art15_41e.pdf). Acesso em: 30/03/2015.

CUNHA, Marcel Lima. *A escola do trabalho soviética de Pistrak: dois passos à frente, um passo atrás?* Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, 2012 (Dissertação de mestrado)

FREITAS, Luiz Carlos de. “A luta por uma Pedagogia do Meio: revisitando um conceito”. In: PISTRAK, Moisey Mikhaylovich (org.). *A escola-comuna*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LUEDEMANN, Cecília da Silveira. “Anton Makarenko: vida e obra – a pedagogia na revolução”. Expressão Popular, São Paulo, 2007.



MAKARENKO, Anton. “*Problemas da educação escolar soviética*”. Coleção Educação e Ensino, Editora Seara Nova, Lisboa, 1978.

MAKARENKO, Anton. “*Poema pedagógico*”. Editora 34, São Paulo, 2005.

NOBRE, Iziane Silvestre. “*Trabalho, práxis e escola: Elementos de uma formação revolucionária*”. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, 2013. (Dissertação de mestrado).

NOSELLA, Paolo. “*A linha vermelha do planeta infância: o Socialismo e a Educação da Criança*”. Revista Contexto e Educação, Editora Unijuí, ano 17, nº 68. Out/ Dez. 2002. P. 81 a 125. Disponível:

[//www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/viewFile/1160/914](http://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/viewFile/1160/914).

Ace

sso em: 07/01/14

OYAMA, Edison Riuitiro. *Lênin, Educação e Revolução na República dos Sovietes*. Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, Niterói, Rio de Janeiro, 2010. (Tese de doutorado)

PISTRAK, Moisey M. *Fundamentos da escola do trabalho*. São Paulo, Expressão Popular, 3ª edição, 2011. (Tradução de Daniel Aarão Reis Filho).

PICOLO, Ariadny e LOMBARDI, Claudinei. “*Escola Comuna P.N Lepeshinskiy e Colônia Gorki: contribuições teóricas-metodológicas fundamentais para a compreensão da educação soviética*”. Disponível

em:

[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/6.05.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/6.05.pdf). Acesso em: 08.03.2020.

SOARES DORE, Rosemary. “*O debate sobre o conceito de escola do trabalho na Revolução Soviética*”. In: MENEZES NETO, Antonio Julio (org). *Socialismo e Educação*. Belo Horizonte, Editora Fino Traço, 2013.